

CONFABULANDO O AGORA PARA MIRAR NO AMANHÃ: A NÃO BINARIEDADE COMO OUTRA INTELIGIBILIDADE¹

**CONFABULAR EL AHORA PARA MIRAR HACIA EL MAÑANA: LA NO BINARIDAD COMO
OUTRA INTELIGIBILIDAD**

**CONFABULATING THE PRESENT TO LOOK INTO TOMORROW: NON-BINARITY AS OTHER
INTELLIGIBILITY**

HBlynda Moraes de Holanda*

Marcelo Henrique Gonçalves de Miranda**

Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO: O ensaio buscou: compreender os contornos e as implicações do movimento não binário e as contribuições na construção de um campo de saber-poder que desestabilize, desconstrua inteligibilidades cis-heteronormativas. O foco recaiu nas experiências e vivências das pessoas não binárias fortalecendo o caráter plural e democrático por meio da garantia de direitos, reconhecimento, aprendizado e respeito com os corpos cis-heterodissidentes na sociedade brasileira. Esse estudo foi desenvolvido a partir do paradigma Pós-Estruturalista, da Teoria da Performatividade e do Transfeminismo relacionados à denúncia da cisgeneridez como ficcional e arbitrária nas inteligibilidades sociais, nas produções acadêmicas e nas suas manifestações políticas em vários espaços, sobretudo, na instituição escolar. Assim, a compreensão das vidas que excedem uma lógica binária, dicotômica, excludente e hierarquizada contribui à visibilidade, à denúncia do silenciamentos e historicídios das pessoas cis-heterodissidentes no fronte da não binariedade. O ensaio sublinha outros discursos, saberes-poderes, contranarrativas que resistem às violências via desobediências e desestabilizações do Sistema. Metodologicamente, utilizou-se a confabulação como verbo de conspiração, de armadilha e de criação de estratégias para sobreviver e contestar a cis-heteronormatividade. Assim, confabular o agora para mirar

¹Este artigo está vinculado à pesquisa do projeto guarda-chuva intitulado: Inteligibilidades docentes, discentes e a equidade social: possíveis fortalecimentos do caráter plural e democrático da escola que contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea, Universidade Federal de Pernambuco. Membro do Grupo de Pesquisa Processos de Subjetivação, Educação, Gênero e Sexualidades (CNPQ), do Grupo de Estudos de História e Gênero da UPE e GT de Gênero da Associação Nacional de Pesquisa em História (ANPUH). Email: hbllyndamoraes@gmail.com.

** Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea e do Núcleo de Formação Docente, Campus Acadêmico do Agreste, da Universidade Federal de Pernambuco. Líder do Grupo de Pesquisa CNPq: Processos de Subjetivação, Educação, Gênero e Sexualidade/UFPE. E-mail: marcelo.gmiranda@ufpe.br.

no amanhã é uma tentativa de formular perguntas, construir outros saberes tendo como protagonistas as pessoas trans nos engendramentos de outras verdades comprometidas com a pluralidade e democracia. Ressaltamos que nós pessoas não binárias produzimos engrenagens outras que desestabilizamos o Cistema para excedendo o viés essencialista e ontológica, que perpetuam exclusões e não reconhecimento. Assim, seremos corrosivos a esse Cistema autoritário.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento não binário. Cis-heteronormatividade. Confabulação. Vidas não binárias.

RESUMEN: Este ensayo tiene como objetivo comprender los contornos y las implicaciones del movimiento no binario y las contribuciones a la construcción de un campo de conocimiento-poder que desestabiliza y deconstruye la inteligibilidad cis-heteronormativa. Así, el foco está en las experiencias de personas no binarias, fortaleciendo el carácter plural y democrático a través de la garantía de derechos, el reconocimiento y el aprendizaje y el respeto a los cuerpos ci-heterodisidentes en la sociedad brasileña. Este campo de conocimiento y producción política tiene como referentes el paradigma Postestructuralista, la Teoría de la Performatividad y el Transfeminismo relacionados con los géneros y la denuncia de la cisgenderidad como ficcional y arbitraria en la inteligibilidad social, en las producciones académicas y en sus manifestaciones políticas en diversos espacios. sobre todo, en la institución escolar. Así, la comprensión de vidas que superan una lógica binaria, dicotómica, excluyente y jerárquica (sexo, género y sexualidad) contribuye a dar visibilidad, acabar con silenciamientos e historicidios de personas ci-heterodisidentes que se encuentran en la primera línea de la no binaridad. En este camino, el ensayo destaca otros discursos, saberes-poderes, contranarrativas que resisten la violencia a través de la desobediencia y la desestabilización del Cistema. Como herramienta para la elaboración de reflexiones, se utilizó la confabulación como verbo de conspiración, trampa y creación de estrategias para sobrevivir y cuestionar la cis-heteronormatividad. De esta manera, confabular el ahora para apuntar al mañana es un intento de formular preguntas, construir otros conocimientos con las personas trans como protagonistas en la generación de otras verdades comprometidas con la pluralidad y la democracia. Destacamos también que los no binarios somos productores de otros engranajes que permiten desestabilizar el Cistema, quitando óxido de las nueces y callejones y, si es necesario, utilizando otras partes, en la estructura social concebida como esencialista y ontológica, que ya están desgastados y no pueden ni deben perpetuar exclusiones y no reconocimientos. Es permaneciendo en las capas internas de esta estructura social todavía hegemónica que podemos cambiarla, desde adentro hacia afuera. Seremos, por tanto, un líquido corrosivo para corroer este Cistema podrido.

PALABRAS CLAVE: Movimiento no binario. Cis-heteronormatividad. Confabulación. Vidas no binarias.

ABSTRACT: This essay aims to understand the contours and implications of the non-binary movement and the contributions to the construction of a field of knowledge-power that destabilizes and deconstructs cis-heteronormative intelligibility. Thus, the focus is on the experiences of non-binary people, strengthening the plural and democratic character through the guarantee of rights, recognition and learning and respect for cis-heterodissident bodies in Brazilian society. This field of knowledge and political production has as references the Post-Structuralist paradigm, the Theory of Performativity and Transfeminism related to genders and the denunciation of cisgenderity as fictional and arbitrary in social intelligibility, in academic productions and in its political manifestations in various spaces, above all, in the school institution. Thus, the understanding of lives that exceed a binary, dichotomous, exclusionary and hierarchical logic (sex, gender and sexuality) contributes to giving visibility, ending silencing and historicides of cis-heterodissident people who are on the frontline of non-binariness. Along this path, the essay highlights other discourses, knowledge-powers, counter-narratives that resist violence through disobedience and destabilization of the System. As a tool for elaborating reflections, confabulation was used as a verb of conspiracy, trap and creation of strategies to survive and contest cis-heteronormativity. In this way, confabulating the now to aim for tomorrow is an attempt to formulate questions, construct other knowledge with trans people as protagonists in the engendering of other truths committed to plurality and democracy. We also emphasize that we non-binary people are producers of other gears that make it possible to destabilize the Cistema, removing rust from the nuts and alleys and, if necessary, using other parts, in the social structure conceived as essentialist and ontological, which are already worn out and not they cannot and should not perpetuate exclusions and non-recognition. It is by staying in the internal layers of this still hegemonic social structure that we can change it, from the inside out. We will, therefore, be a corrosive liquid to corrode this rotten System.

KEYWORDS: Non-binary movement. Cis-heteronormativity. Confabulation. Non-binary lives,

1 RISCANDO O FÓSFORO

Para frustrar o que a sociedade quis de mim, limitando meu corpo ao gênero me foi designado ao nascimento, mas não foi escolhido por mim, tampouco faço leitura dele para o que almejo na minha identidade. Nesse sentido, este ensaio parte das minhas inquietações e vivências enquanto pessoa não binária, observando a desfixação das identidades e o rompimento com o binarismo (homem x mulher; macho x fêmea). Ele tem como objetivo compreender os contornos e as implicações do movimento não binário e as contribuições na construção de um campo de saber-poder que desestabilize, desconstrua inteligibilidades cis-heteronormativas. Assim, o foco recai nas experiências e vivências das pessoas não binárias, fortalecendo o caráter plural e democrático por meio da garantia de direitos, do reconhecimento e do aprendizado e respeito com os corpos cis-heterodissidentes na sociedade brasileira.

Nesse contexto, as pessoas não binárias são “[...] indivíduos que não serão exclusiva e totalmente mulher ou exclusiva e totalmente homem, mas que irão permear em diferentes formas fluidez em suas identificações” (Reis, 2017, p. 8).

Então, este texto será de uma não binária confabulando sua história a partir de leituras de mundo que a atravessam e que deseja mirar no amanhã como possibilidades de um novo ciclo, uma nova era, um novo aprendizado a partir dessas leituras, vivências e produções de sentidos.

2 O FOGO COMEÇOU

Aqui não tenho a pretensão de despertar a empatia, a você que me lê e pode dizer que o que nós escrevemos (pessoas trans) não tem importância. Isso já era de “cisperar”. Nossa luta passa por muitas invalidações antes mesmo de querer sistematizar e operar um conceito, pois, algumas de nós não possuem um título acadêmico que configure um respaldo científico às nossas falas ou ainda por não estarmos envolvidas em alguma instituição educacional ou afins.

Vale ressaltar que, na comunidade trans, ainda são baixos os índices educacionais, principalmente de mestras e doutoras, refletindo a falta de acesso e equidade no processo de democratização do acesso e/ou de permanência na universidade. Várias pesquisas indicam como os corpos trans são expulsos e ou “evadem” das instituições educacionais em decorrência das violências físicas, simbólicos e emocionais que sofrem no cotidiano uma vez que são categorizados como corpos abjetos (Butler, 2003; Andrade, 2012; Junqueira, 2013; Miranda; Grangeão; Montenegro; 2020; Menezes Neto; Miranda, 2022).

A partir da denúncia dessas relações de poder, nas linhas seguintes, não aguardem uma busca por empatia, pois o propósito é de espantar, causar incômodo, desestabilizar e desconstruir a inteligibilidade cis-heteronormativa, pois eles não vão nos matar agora porque ainda estamos aqui (Jesus, 2013; Nascimento, 2021; Mombaça, 2021). E por estarmos aqui, vamos cutucar e mexer no que nos fere. Já somos o alvo das agressões, do que não é desejado, os corpos que estão à margem da margem que já possuímos. Como afirma Mombaça (2021, p. 16), “[...] o Brasil é o que asfixia e mata. O Brasil é a chacina”. É o Brasil o país que lidera o *ranking* de violência a pessoas trans² e travestis.

Dessa forma, meu percurso de investigação sobre a não binariedade vem desde a graduação, em que pesquisei sobre vidas não binárias e a constituição do movimento da não binariedade em Pernambuco³. Atualmente, na pesquisa que desenvolvo no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea, do Campus Acadêmico do Agreste, na Universidade Federal de Pernambuco, dou continuidade à referida temática focando em estudantes não bináries⁴ de duas escolas de Referência

² Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2022), o Brasil é o país que mais mata pessoas trans e travestis, liderando esse triste *ranking* por mais de 14 anos.

³ No trabalho de conclusão da Licenciatura em História pela Universidade de Pernambuco (2022), defendi o trabalho *Pane no cistema: discutindo a não-binariedade e o protagonismo trans nas redes*, no qual me debrucei sobre as páginas: Coletivo Trans Não-Binárie (@coletivotransnaobinarie), Rexistência Não-Binária (@rexistencianaobinaria), Ser Não-Binário (@sernaobinario), Nick Nagari (@nicknagari) e Mar Facciolla (@mardemar.nb).

⁴ A linguagem não binária constitui parte intrínseca deste texto, de modo que será utilizada em algumas passagens da discussão aqui proposta, como forma de disruptão da linguagem.

em Ensino Médio (EREM), da região metropolitana do Recife. Assim, a partir da participação dessas pessoas nos Núcleos de Estudos de Gênero e Enfrentamento da Violência contra a Mulher⁵, como estudantes bináries percebem a reconhecibilidade e o reconhecimento da escola em relação a esses corpos e à existência de medidas para a inclusão e para a permanência no ambiente escolar.

É neste sentido, que o verbo confabular (Hartman, 2020) será trazido, ao longo deste texto, como ferramenta para embasar as discussões, mas também como percurso metodológico que contribuem a engendrar panes, fissuras, rasgos, desestabilizações, desconstruções e reflexões acerca desses corpos que reivindicam ser quem são sem precisarem se identificar enquanto homens ou mulheres, pois excedem ficção das categorizações binárias essencialistas e biologizantes perpetuadas pela cis-heterogeneridade e pela cis-heteronormatividade (Jesus, 2014; Bagagli, 2017; Goes, 2020; Melo, 2021).

O jogo da vida, transpassado pelo biopoder e pela biopolítica (Foucault, 2007), é de possibilidades de existência, assujeitamentos e resistências construídos e desconstruídos permanentemente. Há uma retroalimentação cuja existência é necessária para que todos que podem não se encontrar dentro do que é naturalizado e normalizado vejam que suas vivências são válidas. Por isso, a desconstrução de algo já constitui em uma nova construção, a partir da qual, podemos não saber, mas serão criados mecanismos que transformarão aquilo que não é mais desejado em algo que será proveitoso, em identidades e diferenças permeadas pela reconhecibilidade que precede e possibilita o reconhecimento (Silva, 2013; Pacheco, 2021).

A reconhecibilidade precede o reconhecimento, uma vez que, para ser reconhecida, uma pessoa binária necessita de um processo de inteligibilidade que exceda as categorizações binárias hegemônicas e hierarquizadas entre corpos (macho-fêmea), gênero (homem-mulher) e sexualidade (heterossexualidade-homossexualidade). Segundo Butler (2018, p. 19):

Se o reconhecimento caracteriza um ato, uma prática ou mesmo uma cena entre sujeitos, então a “condição de ser reconhecido” caracteriza as condições mais gerais que preparam ou modelam um sujeito para o reconhecimento – os termos, as convenções e as normas gerais “atuam” do seu próprio modo, moldando um ser vivo em um sujeito reconhecível, embora não sem falibilidade ou, na verdade, resultados não previstos. Essas categorias, convenções e normas que preparam ou estabelecem um sujeito para o reconhecimento, que induzem um sujeito desse tipo, precedem e tornam possível o ato do reconhecimento propriamente dito. Nesse sentido, a condição de ser reconhecido precede o reconhecimento.

Nesse caminho, *Confabulando o agora para mirar no amanhã*, indo mais além do que dar respostas prontas e definitivas, busca problematizar e desestabilizar, por meio da formulação de perguntas, o processo ficcional que naturaliza as categorizações binárias. O *modus operandi* aqui é justamente pensar meios que esfacelam as normas sociais, do que é esperado. Espera-se sublinhar e incentivar uma pane nos sentidos já produzidos em relação a ideias ontológicas, biologizantes, normatizadoras das nossas vivências; contribuindo para o engendramento de novos sentidos que contemplem nossas vivências e narrativas não binárias.

A partir desse contexto, criamos estratégias de sobrevivência e, como “infiltradas” do sistema, vamos destilando nossas contranarrativas, produzindo ruídos, sendo disruptivas às normas. Objetivando que “[...] o positivo se conecta com o seu oposto, fazendo desse “curtoCIScuito” combustão para evocar as dissidências. Desprogramando alguns comandos e possibilitando a existência de outros, para que haja um desmantelamento das ordens vigentes” (Morais, 2024, p. 21).

É de interesse olhar o que essas pessoas não binárias, que estão no fronte do movimento, estão observando, tateando com suas corpos estranhas, falhas, incompreensíveis que têm causado a própria incompreensão de suas existências. É recorrente a utilização de uma não leitura desses corpos, haja vista a diversidade que os constitui, flirtando com aspectos que ligam ao binarismo, como no ato de

⁵ O Núcleo de Estudos de Gênero e Enfrentamento da Violência contra a Mulher é uma parceria entre as secretarias da Mulher e da Educação de Pernambuco. Ele está vinculado ao Programa de Formação em Gênero no Ensino Formal e tem a finalidade de incentivar a inclusão da perspectiva de gênero e suas interfaces no âmbito do ensino fundamental, médio e técnico, bem como no ensino superior, provocando a reflexão crítica sobre a influência da cultura patriarcal na vida das mulheres, buscando, ainda, contribuir com o processo de transformação das relações desiguais de poder na sociedade. O referido subprograma já existe há 13 anos e, em 2021, estava presente em 203 escolas da rede estadual de ensino.

deixar a barba crescer, ligada tradicionalmente aos “homens”, ou de se maquiá, que é socialmente sancionado às “mulheres”. As pessoas não binárias não estão concentradas nas representações de uma ordem vigente, que o ato de fazer o uso da barba diz respeito a “ser homem” e de usar maquiagem, associado a configuração de “ser mulher”. O importante é desconstruir e desestabilizar. Criando realidades que contemplam os nossos desejos como possibilidades de resistência à ordem da inteligibilidade cis-heteronormativa.

Desse modo, constituímos uma desobediência ao gênero, uma autorrepresentação do que desejamos com as nossas corpos, ferindo o que estava programado, desestabilizando um mundo de cores, brinquedos, acessórios, profissões que antes não pensavam em nossas realidades não binárias. Somos multidão de estilhaços diante de algo que caiu no chão e se quebrou e se repartiu em vários outros pedaços menores. Os estilhaços que são nossas vozes e corpos que conseguem ir além do que o Cistema imagina e deseja para nós (Bagagli, 2015; Castro; Goulart; 2017; Raimundo *et al.*, 2021; Mombaça, 2021; Menezes Neto; Miranda, 2022).

3 CHAMAS A TODO VAPOR

Seguindo Jota Mombaça (2021), ao utilizar a palavra “quebra”, posso confabular sobre minha corpa não binária, como sobre a de tantas outras que se encontram nesse bojo de discussão. Quebrar é se repartir, divisão onde não só se contempla duas possibilidades de ser e existir, mas quebra as expectativas, rompe com os desejos da cis-heteronormatividade. A quebra aqui é possibilidade de existência. Manifestar-se através da quebra é se formar quebrada, incompleta, remendada. Não cumprir com expectativas que não foram criadas por nós, entregando algo idealizado. Logo, ser não binário é fugir dos moldes ontológicos, essencialistas e naturalizados. Estar na posição de sujeito da quebra é não cumprir lógicas dicotônicas, é ser várias e não me comprometer com nenhuma delas. Rivaldo Silva (2022, p. 144) aponta que “[o] não-binário, vai além deste discurso, é uma forma de ser no mundo que não assume dualidades, mas representação de um corpo político que reconhece suas expressões de gêneros, as relações, às normativas vigentes”.

O nosso foco está em fazer uma ruptura dessas estruturas que não nos contemplam como corpos não binárias. É criar laços de intersecção do que estamos produzindo e tentando elaborar as rotas de fuga, as fissuras possíveis, para um politizar das feridas (Padilha; Palma, 2017; Oliveira; Pereira; Miranda, 2020; Mombaça, 2021; Menezes; Miranda, 2022), encontrando os pontos de dores que nos constituem. Dessa maneira, “[...] combinamos de não morrer. Precisávamos também que eles tivessem combinado de não nos matar” (Mombaça, 2021, p. 29). Podemos até vir a morrer, mas, como uma Fênix, ressurgimos das cinzas.

Esse medo nos paralisa, coloca-nos em um lugar de encurralamento de dizer quem somos, de nos fazer sentirmos culpados por não conseguirmos reagir. Nossas corpos não são bem-vindas e, desde o nascimento, é conferida às corpos uma cartilha de como deveríamos viver (menino fala grosso, senta de pernas abertas, tem jeito de “homem”; menina fala baixo, senta de pernas fechadas e tem jeito de “mulher”). Mas, afinal, o que é ter jeito “homem” e jeito de “mulher”? Alguém me perguntou o que eu queria ser diante das possibilidades de assujeitamento e de resistência a esse assujeitamento?

Nós já estamos desviando as rotas, instalando panes nos Cistemas e ruindo seus comandos, fazendo da pane meio para sobreviver, infiltrando nossos saberes Transcestrais e gerando um ‘curtoCIScuito’. A nossa geração vai se multiplicar e as nossas armas-saberes estarão cada vez mais fortes. A revolução será feita por nós trans, travestis e não bináries!

Estamos cansados de saber que o Brasil lidera pelo décimo quarto ano consecutivo o *ranking* de violência a pessoas trans e travestis (Benevides, 2023), que nossas corpos falhas, ciborgues, monstros não são aceites, tolerados e muito menos respeitados. Não vamos aqui falar de violência, porque isso já está posto, mas o que podemos fazer para cessá-la? Você que lê este texto, tem feito algo para diminuir o seu preconceito ou também manchará suas mãos com o nosso sangue? Esse problema não é só do Estado, ele é todas as pessoas que não nos veem como humanas, que nos categorizam como abjetos. Nós estamos lutando para que outros tenham mais dignidade e alcancem os maiores lugares nesta sociedade, sejam doutoras, presidentas deste país, tenham uma vida digna, que sejamos espelhos de referência. É isso que quero ver: muitas de nós em todos os lugares reforçando um processo de uma sociedade democrática e plural (Jesus, 2014; Reis, 2017; Rodovalho, 2017; Pacheco, 2018; Morais, 2024).

Esta luta precisa ser coletiva, ela é de todos nós, pois estamos falando de vidas e essas vidas importam. Não permaneceremos fadados ao fracasso, ao desprestígio de nossos estudos, escrita e história, faremos um liquidificador dessas violências e, com giletes na língua⁶, vamos cortar tudo aquilo que quer nos destruir, triturando esse Cistema hétero, branco, rico e, supostamente, sem deficiência. Somos corpa como ameaça. Aquela que carrega a desconfiança de si, do que se é; uma corpa desordenada, cuja ordem é forjada dentro de sua desordem. Essa corpa tem um objetivo: quebrar as expectativas unívocas do que é ser algo ou alguém; um ser errante, criado e recriado, forjado na ficcionalidade do real de si, recombinando fios, criando uma política da afinidade das dores, desejos, sonhos e (im)possibilidades (Vergueiro, 2016; Mombaça, 2021).

Em mais uma tentativa de confabular, os corpos sofrem um processo de estarem sob adequação, nossas corpas são impelidas, assujeitadas e interpeladas constantemente por esta prática. Entretanto, a não binariedade vem contra essa adequação. Por exemplo, se decidir fazer a utilização de hormônios não é para atender às expectativas da cisgeneridade em agora pertencer ao gênero feminino, é, sobretudo, para manifestar em mim o desejo de transformação que quero no momento, pois minha corpa é local de criação do desejo que posso, das possibilidades de mudança, indo além dos assujeitamentos, uma vez que esse assujeitamento nunca acontece em sua totalidade. Nós não queremos nos ajustar aos moldes desse Cistema binário. Queremos hackear o gênero e criar maneiras de ser e existir fora de um padrão mimético das identidades que materializam inteligibilidades cis-heteronormativas (Silva, 2013; Medeiros, 2019; Leal, 2021; Morais, 2024).

Segundo Paul B. Preciado (2018, p. 23) temos que “[...] aceitar que a mudança que acontece em mim é a mutação de uma época”. Com isso, tudo está em transformação, nossos corpos, a cidade, a língua, a cultura, tudo gira, tudo está em movimento. A sociedade se modifica com as demandas que são jogadas para ela e a faz repensar o Cistema que a fabricou, cutucando suas epistemes. Nós que vivemos nela e somos produtores de sua engrenagem também configuramos como ferramentas para, justamente, trocar o óleo, desenferrujar as porcas e ruelas e, se for preciso, trocar as peças que já estão gastas e não desempenham mais as funções almejadas. É se alojando nas suas camadas que podemos modificá-la, não de fora para dentro, mas, sim, de dentro para fora. Sendo líquido corrosivo para corroer esse Cistema podre.

Diante do exposto, este ensaio tem como objetivo compreender os contornos e as implicações do movimento não binário e as contribuições na construção de um campo de saber-poder que desestabilize, desconstrua inteligibilidades cis-heteronormativas. Assim, o foco recai nas experiências e vivências das pessoas não binárias fortalecendo o caráter plural e democrático por meio da garantia de direitos, do reconhecimento e do aprendizado e respeito com os corpos cis-heterodissidentes na sociedade brasileira.

4 INCENDIÁRIAS: QUEM TEM MEDO DAS NÃO BINÁRIAS?

Para iniciar essa sessão, gostaria de recorrer ao trecho da música *Você é linda*, de Caetano Veloso (1983), a qual estimo muito e que utilizei como suporte para a beleza do nome HBlynda, nome que me constitui e faz elaborar a identidade erro, falha, indecente, suja, sem moral, fracassada, imperfeita que também sou. Os rótulos deixo para aqueles que são tolos. Não quero ser lida pela “embalagem” que posso apresentar. A referida música tem peso, tamanho, largura que não são específicos, tampouco controlados, mas tem a sua beleza própria, que é só dela.

Você é linda, mais que demais
 Você é linda sim
 Onda do mar do amor que bateu em mim
 Você é forte, dentes e músculos
 Peitos e lábios
 Você é forte
 Letras e músicas
 Todas as músicas

⁶ Prática comumente utilizada pelas travestis para se defender na Ditadura civil-militar e que se perpetuam até os dias atuais.

Que ainda hei de ouvir.

No trecho explicitado as palavras “forte” e “músculos” não constroem o sujeito, ele independe do gênero. Agora as palavras “peito” e “lábios” apresentam possibilidades de uma leitura e atribuição ao sujeito, mas, se podemos construir esse corpo, como pontua Paul Preciado (2023), nesta era farmacopornográfica, com agulhas e hormônios. Esse corpo é fabricado aos desejos genuínos. E HBlynda é mais uma construção desses desejos, cooptando a palavra linda, adjetivação de beleza ao seu nome, constrói sua força.

Ainda no caminho da força da poeticidade, temos o poema de Thiago Odara (2021) que fala do local que as pessoas não binárias ocupam – *“ele não era homem, - ela não era mulher, - às vezes ele, às vezes ela”*; a pessoa não binária não quer se enquadrar dentro das duas possibilidades que somente nos dão para viver. A lógica é justamente oposta, pois há uma necessidade disruptiva do estar dentro desses moldes e do que se espera deles enquanto prática social. O que nós queremos é “uma mistura de tudo um pouco”.

Era assim que ele se via
 era assim que ela se sentia
 num mundo onde dois é número primo, único, sem volta maldito binarismo - pensava.
 ele não era homem
 ela não era mulher
 às vezes ele às vezes ela
 sei lá...
 feminino X masculino
 estereótipo de gênero
 ela não sabia o que era
 ele não sabia o que queria ser
 acho que não queria ser nada
 ou talvez quisesse ser tudo
 mas tudo é relativo e o nada? bem, ele também é.
 mas quem foi que disse que pra ser gente você tem que ser homem ou mulher?
 ele não era mulher
 ela não era homem
 era como uma mistura de tintas
 talvez lilás
 azul com rosa
 assim mesmo, meio homem e meio mulher
 ou talvez fosse branco, uma mistura de tudo um pouco
 era assim que se sentia, nem homem e nem mulher...
 Ser humano.

No poema fica evidente um desdobramento das possibilidades de ser e existir para além da binariedade de sexo e gênero. Trata-se de se reinventar diariamente, fabricando nosso gênero, nos autos gestando algo que não precisa ter nomenclatura, pois quanto menos houver cerceamento a fim de um engessamento e captura das identidades, mais poderemos ter liberdade de se experimentar, reformulando nossas existências não atravessadas pelo medo, mas, sim, sendo transpassada pelo viver sem amarras. Nesse sentido, a performatividade de gênero é algo importante dentro das dissidências, uma vez que “[...] não há identidade de gênero por trás da expressão de gênero; essa identidade é performativamente constituída pelas próprias expressões tidas como seus resultados” (Butler, 2003, p. 56). A performatividade é de tamanha valia dentro dos estudos e das vivências não binárias dado que dialoga com as representações que efetuamos (Louro, 2004; Butler, 2008, 2017, 2022; Miranda; Oliveira, 2012).

5 E A EDUCAÇÃO EM MEIO A TUDO ISSO, ONDE ESTÁ?

Alfrâncio Dias (2024) traz o conceito de “narrativas-sangue” para pensar justamente nas vidas que são todos os dias ceifadas pelo Cistema. Neste caso, aproximando-se desta pesquisa, a não binariedade gera uma pane aos binarismos, esfacela as normas e transgride o programado. São muitas as “narrativas-sangue” elaboradas pela família, pelo estado, pela sociedade e, quando produzida pela educação, é necessário: “Pensarmos uma educação outra. Que fala de nós mesmos, a partir de nós e conosco. Uma educação que possibilite o entrelace das nossas caminhadas ao longo de nossas vidas e as relações com o mundo, ou seja, a experiência e ousadia de existir, re-exisitir, re-fazer nossos cotidianos” (Dias, 2024, p.76).

Nesse caminho, várias teoriques contribuem para problematizar e desestabilizar a inteligibilidade cis-heteronormativa sobretudo no campo da educação e no cotidiano das instituições escolares, sublinhando as violências que ganham materialidades e as resistências aos processos de assujeitamento de indivíduos às categorizações dicotômicas, excludentes e hierarquizadas (Louro, 2004; Junqueira, 2018; Silva; Miranda; Santos, 2020; Amando; Cusati; Miranda, 2022; Ferreira; Souza, 2022; Silva, 2023). Assim, trata-se de estudos que sublinham a ausência do caráter democrático e plural da escola na exclusão de corpos que se rebelam contra a ordem (cis)normativa sofrendo penalizações.

Outros estudos que apontam que a escola é local de (re)produção de desigualdades e que essa instituição não sabe lidar com as corpos não binárias, materializando silenciamento e invisibilidade nas produções acadêmicas. Essas exclusões e não reconhecimentos vêm aumentando diante de um recrudescimento da convergência perversa entre neoliberalismo e o neoconservadorismo, do desagendamento das temáticas de gêneros e sexualidades principalmente no contexto da América Latina.

Dessa maneira, o Gregory Balthazar (2020, p. 14) afirma que o período escolar é delicado, carregado de dores: “[...] a violência aqui, é currículo, ela educa, disciplina, corrige. Ela é parte organizadora da escola”.

Como já exposto, o Brasil é o país que lidera o *ranking* de assassinato de pessoas dissidentes, tendo, em Pernambuco, recorde de casos, além de promover ‘cis’ tematicamente a exclusão dessas pessoas em diversos ambientes, incluindo o escolar, através de um cis-heteroterrorismo que persegue (Santos; Vieira; Silva, 2021) e de projetos de Lei inconstitucionais, como a criada pelo deputado Fred Ferreira (Partido Social Cristão) pela abolição e proibição do uso de linguagem neutra em escolas, votada em primeira instância em maio de 2022.

Corroborando com a denúncia das exclusões acima mencionadas, Fernando Seffner afirma que: “[...] o outro não é alguém apenas que pensa diferente de mim; é alguém que é tratado como inimigo e, portanto, deve ser eliminado para que eu possa viver” (Seffner, 2021, p. 433).

Entretanto, as referidas pesquisas também apontam que o campo da educação é uma arena de disputas em projetos neoconservadores e neoliberais, por um lado; e, por outro, de projetos democráticos, plurais e de aprendizado e respeito com as diferenças de sexos, gêneros e sexualidades. Assim, a escola, ambivalentemente, também pode ser espaço de produção de vida, de fortalecimento da pluralidade e da democracia, sendo um espaço que pode proporcionar repensar o currículo, a formação docente inicial e continuada e as avaliações.

Diante dessa arena de disputas no campo da educação, deve-se fortalecer os projetos democráticos e plurais que possibilitem às corpos que escapam às normas, de vivências não binárias, contraporem-se às narrativas de apagamento e historicídios tradicionalmente designadas à população transgênera, a um não direito de existência, a uma categorização como corpos abjetas (Jesus; Alves, 2010; Jesus, 2013; Nascimento, 2021).

É a partir desse não lugar, de fuga e escape entre o que se acredita forjar humano, ser “homem” ou “mulher”, que visualizo que há outras formas de ser e existir no mundo, pois, “[a] vida não é binária. Ela não se enquadra dentro daquilo que compreendemos a partir da binariedade que convencionamos sobre a realidade” (Melo, 2021, p. 1).

Dessa forma, encontrando forças para cada dia afirmar quem sou, sigo pulando obstáculos e driblando as barreiras erguidas do gênero, coloco a ousadia da minha existência promovendo um deslocamento de circuitos, rotas, uma *pane*, pois queremos demarcar e confabular, como nos disse Hartman (2020), outros meios e fins que não seja a morte histórica, psicossocial, cognitiva e física das nossas existências como corporas não binárias. Para tal, interessa-me confabular com a criação de estratégias de ações para pensar a realidade de vidas não binárias, numa narrativa que seja recombinante, “[...] que “enlaça os fios” de relatos incomensuráveis e que tece presente, passado e futuro” (Hartman, 2020, p. 18). Assim, compreendendo as violências que vêm sendo perpetuadas há séculos aos corpos dissidentes e as possibilidades de resistência a essas violências.

6 PEGANDO FOGO: ESTAMOS FALANDO ENTÃO DE UM NOVO SISTEMA?

As discussões sobre a não binariedade são muito recentes se comparadas a outros temas de pesquisas que já possuem uma gama de materiais que discorrem sobre o tema, com problematização de seus conceitos e ideias. Não obstante, estamos produzindo algumas pesquisas que começam a abrir margens para que outras pessoas venham a discutir sobre o movimento não binário e os questionamentos feitos por aquelas pessoas que estão no fronte, por ser e viver a não binariedade diante das sanções sociais e das resistências a essas sanções.

O feminismo como luta política vem a bastante tempo enfrentando muralhas para fincar suas pesquisas, apresentar dados, evidenciando que as mulheres desde muitos séculos atrás já faziam ciência, embora fossem visualizadas e silenciadas por meio do apagamento de suas histórias:

Historicamente, as mulheres ocuparam lugares na história enquanto seres servis e ligadas à reprodução. Evidenciando um não espaço para suas próprias questões e lutas, no qual somente na metade do século XX é que vamos ter uma mudança dos estudos produzidos na época, estabelecendo uma quebra dos conceitos formulados, existindo assim, uma História das Mulheres e enxergando sua participação ao longo da História em que sempre ocorreu seja nos campos de batalhas ou em cargos públicos. (Teodósio; Morais, 2020, p. 3).

Nessa perspectiva, com a não binariedade também está se fazendo um caminho de luta que excede a forma de se fazer ciência androcêntrica, machista, misógina e cis-heteronormativa, infelizmente ainda hegemônica. Assim, a partir da não binariedade, os sujeitos da pesquisa são construtores do conhecimento ao passo em que também a pesquisa é realizada levando em consideração as experiências vivenciadas, os processos de assujeitamento de indivíduos, o saber-poder, as diversas posições de sujeitos, as possibilidades de resistências a esses assujeitamentos. É importante, pois, “[...] problematizar a binariedade por meio da experiência de pessoas não binárias que contribui para desestabilizar e ou denunciar as relações de poder decorrentes dessa suposta ontologia do sexo, do gênero e da sexualidade” (Silva, 2022, p. 42).

Compreender nossas experiências, nossas expressões de gênero, nossas corporas é entender que elas partem de uma diversidade, de múltiplas formas de se apresentar no mundo; nós podemos contribuir para furar as bolhas que o sistema sexo-gênero-sexualidade quer nos colocar, repelindo o nosso flerte com as “feminilidades” ou “masculinidades”, ora na utilização de acessórios de cunho “feminino” (pronomes, maquiagem, salto, calcinha, sutiã etc.) ora no uso de acessórios ditos “masculino” (pronomes, barba, calçados etc.), ou, ainda, na assunção de desejos que excedam as supostas dicotomias de “masculino” e “feminino”, uma vez que, “[...] compreender pessoas não binárias envolve as diversas identidades que diz respeito às autopercepções e autoexpressões, de narrativas subjetivas de pessoa histórica que necessitam romper com princípios compulsórios da supremacia do sistema cis-heteronormativo de sexo-gênero” (Silva, 2022. p. 23), ou, melhor dito, do Cistema.

À medida que a escrita deste ensaio foi sendo elaborada, recordei-me de uma cena no discurso da atriz Dominique Jackson, na série *Pose* (2019), “[...] não se trata de dizermos a outra pessoa que, ‘eu te aceito’ ou ‘eu te tolero’, você não tem o poder de me aceitar ou tolerar. Eu tiro isso de você. Você vai me respeitar!” (tradução nossa⁷). O discurso da personagem em questão coloca em xeque a

⁷ “[...] it is not about us saying to someone else that, ‘I accept you’ or ‘I tolerate you’, you do not have the power to accept or tolerate me. I take that from. You will respect me” (Jackson, 2019).

ideia que circula a todo instante neste texto: o outro não tem nenhum direito sobre as nossas vivências, somos nós quem efetuamos as ações e elaboramos nossa identidade, portanto retiramos da cisgeneride uma chancela almejada sobre nossas vidas, e dizemos, “vocês vão ter que nos respeitar”.

Com isso, penso sobre o tolerar, palavra que carrega tom de ameaça a algo ou alguém quando se está desconfortável, e reflito sobre quais corpos são importantes, se somos corpos abjetos, termo tão aplicado pela Judith Butler (2003), se somos corpos expelidos, não bem-vindos, necessitando ser expulso para uma outra margem, para um espaço que possa nos acolher. Penso, então, sobre corpos matáveis que pesam quilos, toneladas de vidas, mas que são abruptamente retirados de circulação e convívio. Assim, perguntamos, quem chora pelas nossas mortes?

Corpos matáveis que pesam

E os que vivem?

Venha cá, cé já parou pra pensar como as valas de esgoto se assemelham às covas de cemitério?

Se não, é bom começar a fazer essa análise.

Corpos matáveis que pesam

No bolso do governo, da polícia, dos encarceramentos, da saúde, do que mais?

Tudo né porra!

O ato do morrer é fácil e as mãos estão sujas de sangue

Pega água, sabão, álcool, ácido pra vê se tira, mas antes vê a marca, quem sabe ela pode te salvar.

Deus, jesus, espírito santo, clama o nome deles, agora clama alto, grita se for preciso. Só não te garanto que vou te responder

Corpos que pesam kg, centenas, toneladas de vida, mas que esvaem dia após dia,

A carne mais barata do mercado é a carne negra, já dizia Elza Soares.

Então me diz, na balança o que pesa pra você?

388 anos pesaram sobre o povo negro, soma os números e tu vai ver o ano de libertação

Pura coincidência ou alucinação da poeta marginal

Da margem de cá te vejo, espreito os locais, vigio e acampo

Meu corpo pesa de mais, tenho medo de não afundar

Já é tão horrível viver, imagina emergir das águas

Corpo matável que pesam.

(Hblynda Morais, 2021)

A luta contra o preconceito não para. São muitos corpos matáveis pelo Estado, pela polícia, pela sociedade, as mãos estão sujas de sangue e, dentro do campo da não binariedade, são muitos os confrontamentos que o movimento não binário tem sofrido: desde os processos de tentativas de proibição da linguagem não binária votada por deputados, passando pelas violências sofridas pelo não respeito ao nome social, até as tentativas de invisibilizar a causa não binária em favor de uma não compreensão dos motivos pelos quais essas vidas estão lutando, o que coloca impasses para legitimar o que vem sendo discutido, atribuindo às pautas o estatuto de algo passageiro, que não tem fôlego para se sustentar e que não merece espaço e atenção.

A música Indestrutível, da artista Pablo Vitar (2018), traz uma discussão sobre as violências sofridas pela população LGBTQIA+ que cotidianamente estão sendo massacradas pela LGBTfobia cada vez mais escancarada e pelos discursos de ódio proliferados pelo antigo governo, que reforçou o dispositivo reacionário de ideologia de gênero (Jesus, 2013; Junqueira, 2018). Por meio desse dispositivo, é reforçado certo pânico moral em relação a uma fantasiosa destruição das famílias cis-heterossexuais concebidas como “naturais” e de uma suposta ameaça às crianças em relação às possibilidades de assunção das várias identidades de gêneros e das várias orientações sexuais. Vale ressaltar que o que se advoga pelo movimento LGBTQIA+ é o caráter democrático e plural que pode combater as exclusões, violências e discriminações que as pessoas heterodissidentes e cis-heterodissidentes sofrem, ao incentivá-las para ao mundo LGBT, no entanto isso nunca foi uma afirmativa do movimento, descaracterizando a luta LGBTQIA+ como algo perversa e suja:

E vou dizendo tudo vai ficar bem
 E as minhas lágrimas vão secar
 Tudo vai ficar bem
 E essas feridas vão se curar
 [...]
 E quanto mais dor recebo
 Mais percebo que sou indestrutível
 (Indestrutível, 2018)

Em um dos trechos da referida música, a cantora pontua que: “[...] e quanto mais dor recebo mais percebo que sou indestrutível”. Pergunto-me até quando suportaremos ser indestrutíveis, pois são muitas as feridas e dilacerações efetuadas às nossas corpos dissidentes da cis-heteronorma. Ressaltamos que as violências, exclusões e discriminações estão cada vez mais constantes e de forma mais violenta diante da convergência perversa entre o neoliberalismo e do neoconservadorismo, no contexto atual (Biroli; Vaggione; Machado, 2020). Então, mais uma vez, o confabular se faz presente como verbo que envolve conspiração, armadilha, criação de estratégias para sobreviver.

6 AS CINZAS PARA UM NOVO COMEÇO: QUAIS RESPOSTAS POSSO DAR AOS MEUS DESEJOS PARA ESSE MUNDO?

A não binariedade, no bojo maior desse movimento político, reivindicando espaço para vidas que não se enquadram dentro do binarismo, vem pautando, em diversas áreas, a construção política do movimento, criando alianças e reforçando que a não binariedade não é passageira, não são rompantes em querer viver outra identidade como modismo logo abandonado. Essa ideia de modismo, difundida massivamente, decorre de tentativas de deslegitimar o próprio movimento da não binariedade, além de invisibilizar as corpos não binárias.

A sociedade monossexista e binária quer enquadrar todas as experiências e vivências dentro de uma redoma, na qual a cis-heterossexualidade é o modelo a ser seguido e detém o controle dos corpos dicotômicos em homens e mulheres, ditando seus caminhos e percursos. As pessoas cis-heterodissidentes não se encaixam e não tem a menor pretensão em pertencer a um Cistema que cerceia os direitos, controla e hierarquiza as identidades. Vale ressaltar, como anteriormente exposto neste ensaio, que somos todos diferentes e que, por meio da performatividade de gênero, há naturalização ontológica de categorizações dicotômicas, excludentes e hierarquizadas (macho-fêmea, homem-mulher, heterossexualidade-homossexualidade). Nesse caminho, as pessoas cis-heterodissidentes estão buscando outras rotas de fuga, as panes, as falhas, uma outra saída para viver suas experiências de vida, sua auto gestação.

A minha existência é criada, adaptada, não tem fixação com os desejos, ela está a todo o momento se (re)criando, se (des)fazendo. São esses fios condutores, de uma pessoa não binária dentro de uma gama de outros fios, que estão se conectando a outras estruturas, a outras posições de sujeitos, ao engendramento de outras corpos. O movimento não binário está construindo outras possibilidades de existência, indo além das categorizações ontológicas, essencialistas e “anormais”, pois cada vivência é única, não precisar ser igual para todas as pessoas. E sinceramente, que as vivências não sejam iguais.

Há uma falsa ideia de que nós não sabemos o que queremos, expondo que há uma dificuldade para entender nossas realidades, mas será que somos nós que apresentamos uma incompreensão ou são vocês que não se permitem nos conhecer sem julgar e apontar? Será que realmente somos nós que queremos destruir as famílias “tradicionalas” cis-heteronormativas ou são vocês que não enxergam o que queremos é dizer que existem outras formas de ser/ter uma família. Outros arranjos familiares podem constituir essa família e agregar um conjunto de práticas desde o educar, ensinar e deixar princípios éticos para outro indivíduo que vão nortear os caminhos para ser um humano melhor. Nossos olhares estão atentos para essas outras pluralidades em relação a outros arranjos amorosos, familiares, profissionais que excedam a lógica cis-heteronormativa.

A tentativa não é de implosão de tudo o que temos construído enquanto sociedade. O intuito é marcar a fissura, a dobra, apontar brechas, ir como um cupim adentrando as camadas as estruturas de inteligibilidades sociais da Cisnorma e do Cistema. Assim, aos poucos chacoalhando as estruturas, abrindo furos em sua crosta, vamos ter acesso e conseguir passagem e outras formas de inteligibilidades que priorizem a pluralidade e a democracia. Assim, um reflorestamento a partir do aprendizado e do respeito com as diferenças possibilita que corpos como a minha estejam diariamente levantando, anunciando, tornando-se visíveis por meio de pesquisas, de vivências e de experiências que desconstruam silenciamentos sobre as pessoas trans e travestis.

Ressaltamos que não precisamos de uma validação para ser quem somos. Não precisamos de um alguém de endosse e ratifiquem as corpos não binárias. A aceitação alheia não me faz menos ou mais não binária. Essa aceitação vinculada a uma inteligibilidade cis-heteronormativa não pode dizer o que sou, muito menos qualificar dentro de um parâmetro a porcentagem ou variação que a pessoa pode possuir. Esse tipo arbitrário, antidemocrático e não plural de categorização vai contra tudo o que movimento da não binariedade tem defendido, problematizado, desestabilizado e desconstruído na denúncia da regulação de nossas corpos cis-heterodissidentes.

A pane ao Cistema se faz necessário para que sejam desprogramados a lógica ontológica, linear e ficcional de corpo-gênero-sexualidade na suposta naturalização de alguns corpos da cisgeneridade e na patologização de corpos não binárias. Nesse caminho, desejamos promover um ‘curtoCIScuito’ ao Cistema branco, hétero, cisgênero, não deficiente e rico, pois, quem sabe, assim, podemos escrever novas histórias a partir de nossas vozes, com nossas perspectivas, vivências, experiências e outras inteligibilidades plurais e democráticas.

REFERÊNCIAS

- AMANDO, M. R.; CUSATI, I. C.; MIRANDA, M. H. G. de. Normatividade social, orientação sexual e diversidade na escola: o que dizem professoras e professores de educação física?. *EDUCA – Revista Multidisciplinar em Educação*, v. 9, p. 1-22, 2022.
- ANDRADE, L. N. de. *Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa*. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/7600>. Acesso em: 15 jan. 2022.
- BAGAGLI, B. P. O reconhecimento das identidades trans nas políticas públicas para além da cisnatividade. In: OLIVEIRA, A.D.; PINTO, C.R.B. (orgs). *Transpolíticas Públicas*, Campinas: Papel Social, 2017. p. 31-49.
- BAGAGLI, B. P. “Cisgênero” nos discursos feministas: “uma palavra tão defendida, tão atacada, tão pouco compreendida”. Campinas: UNICAMP, IEL, 2015.
- BALTHAZAR, G. da S. Crianças viadas e o deslugar do gênero na escola: notas para um feminismo cor de ar. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 36, e69557, p. 1-22, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/X8h4tk9PtNSydMDst83sHch/abstract/?lang=pt>. Acesso em 20 out. 2021.
- BENEVIDES, B. G. (org.). *Dossiê assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2023*. Brasília, DF: ANTRA, 2023. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf> Acesso em: 20 out. 2023.
- BENTO, B.; PELÚCIO, L. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/GYT43pHGkS6qL5XSQpDjrqj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 out. 2021.
- BIROLI, F.; VAGGIONE, J. M.; MACHADO, M. das D. C. *Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina*. Boitempo Editorial, 2020.

BUTLER, J. *Desfazendo gênero*. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

BUTLER, J. *Quadros de Guerra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, J. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BUTLER, J. *Cuerpos que importan*. Sobre los límites materiales y discursivos del sexo. Barcelona: Editorial Paidós, 2008.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

CASTRO, R. P. de; GOULARTH, N. dos R. Romper binários de gênero e sexualidade: ensaiar uma educação não-binária. *Revista Margens Interdisciplinar*, Abaetetuba, v. 11, n. 17, p. 108-124, dez. 2017.

DIAS, A. F. *Investigações-vida em Educação*. In: SOUZA, E. C. DE.; MIGNOT, A. C.; VICENTINI, P. P. (orgs). *Dados Internacionais de Catalogação na publicação* (CIP). Curitiba: CRV, 2024. p. 69-78.

FIGUEIREDO, C.; MALVEZZI, P. *Brasil tem 34 projetos de lei para impedir uso da linguagem neutra*. Diadorim, São Paulo, 18 dez. 2021. Disponível em: <https://www.diadorim.org/noticia/brasil-tem-34-projetos-de-lei-estadual-para-impedir-uso-da-linguagem-neutra>. Acesso em: 3 fev. 2022.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. 19ª Ed. São Paulo: Graal, 2007.

GOES, F. K. F. da S. *O quarto excluído: gêneros não binários e formação universitária*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2020.

GOULARTH, N. dos R. *Eu sinto que eu sempre me encaixei nessa coisa de não ser homem e não ser mulher? Tecendo saberes e experiências da não-binariedade de gênero*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), 2018.

HARTMAN, S. Vênus em dois atos. *Revista Eco-Pós*, v. 23, n. 3, p. 12-33. Disponível em: . [Https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27640](https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27640). Acesso em: 21 Jun de 2023.

INDESTRUTÍVEL. Intérprete: Pabllo Vittar. Compositores: Arthur Pampolin Gomes, Pablo Luiz Bispo, Rodrigo Pereira Vilela Antunes. In: VAI PASSAR mal. Intérprete: Pabllo Vittar. Vário Compositores. [S. l.]: BMT Produções Artísticas, 10 abr. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/O8B72HzTuww>. Acesso em: 20 out. 2021.

JACKSON, D. Dominique Jackson at the 23rd Annual HRC National Dinner 2019. [S. l.: s. n.], 1 out. 2019. Publicado pelo canal Human Rights Campaign. 1 vídeo (8 min 29 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DhjxDgdB24U>. Acesso em: 30 abr. 2022.

JESUS, J. G. de. Gênero sem essencialismo: feminismo transgênero como crítica do sexo. *Universitas Humanísticas*, p. 241-257, 2014.

JESUS, J. G. de. Transfobia e crimes de ódio: Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. *História agora*, v. 16, p. 101-123, 2013.

JESUS, J. G. de; ALVES, H. Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. *Cronos*, Natal, v. 11, n. 2, p. 8-19, 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufrn.br/index.php/cronos/article/view/2150/pdf>. Acesso em: 30 abr. 2022.

LEAL, D. T. B. Fabulações travestis sobre o fim. *Conceição/Conception*, Campinas, SP, v. 10, n. 00, p. e021002, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8664035>. Acesso em: 19 jul. 2021.

JUNQUEIRA, R. D. A invenção da ideologia de gênero: a emergência de um cenário políticodiscursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. *Revista Psicologia Política*, v. 18, n. 43, p. 449-502, 2018.

JUNQUEIRA, R. D. Pedagogia do armário: a normatividade em ação. *Retratos da escola*, Brasília, v. 7, n. 13, p. 481-498, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/320> Acesso em: 20 jan. 2025.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho*: ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LUSTOSA, T. Manifesto travoco-terrorista. *Revista Concinnitas*, [S. l.], v. 1, n. 28, p. 384–409, 2016. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/25929>. Acesso em: 10 ago. 2021.

MEDEIROS, J. W. de M. “A FLOR DE JACINTO”: e quando o/a professor/a é gênero não binário? *Gênero*, Niterói, v. 2, n. 19, p. 93-111, 2019.

MELO, I. Linguagem disruptiva: parte 01- fundamentos da linguagem não-binária. *Revista Medium*, [s. l.], 2021a. Acesso em: <https://nuqueer.medium.com/linguagem-disruptiva>. Acesso em: 30 abr. 2022.

MELO, I. Todes: o que pode a linguagem não-binária? *Diadorim*, 2021b. Disponível em: <https://www.adidorim.org/post/o-que-pode-a-linguagem-nao-binaria>. Acesso em: 6 maio 2022.

MENEZES NETO, H. M.; MIRANDA, M. H. G. de. Novas Damas no Arraial: notas sobre a experiência festiva de mulheres trans e travestis nas quadrilhas juninas de Pernambuco. *Revista Anthropológicas*, v. 33, n. 2, p. 214-245, 2022.

MIRANDA, M. H. G. de; GRANGEÃO, F. do N.; MONTENEGRO, F. F. P. de A. A Pandemia do Covid-19 e o Descortinamento das Vulnerabilidades da População LGBTQI+ Brasileira. 2020. *Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS)*, São Luís, v. 6, n. 2, p. 102-119, jul./dez. 2020

MIRANDA, M. H. G. de; OLIVEIRA, S. M. D. de. Teoria social e epistemologia feminista: desestabilizações das categorias sexo, gênero e sexualidade. *Estudos de Sociologia*, v. 1, n. 18, p. 1-14, 2012.

MOMBAÇA, J. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MORAIS, H. Corpos Matáveis que Pesam. [2021]. Poema não publicado.

MORAIS, H. “Pane no cistema”: discutindo a não binariedade e o protagonismo trans nas redes sociais. *Revista Periódicus*, [S. l.], v. 1, n. 20, p. 45-71, 2024. DOI: 10.9771/peri.v1i20.54801. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/54801>. Acesso em: 11 maio. 2024.

NASCIMENTO, L. C. P. do. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

ODARA, T. *Estereótipo*. [2021]. Poema não publicado.

OLIVEIRA, A. C. A.; PEREIRA, A. G.; MIRANDA, M. H. G. de. A interpelação do indivíduo em sujeito ou a gramática do sujeito: identidades, desejo e racismo em Judith Butler, Lélia Gonzalez e Grada Kilomba. *PoliÉtica*, v. 8, n. 2, p. 338-360, 2020.

PACHECO, M. F. A reconhecibilidade precede o reconhecimento? Acerca das críticas de Judith Butler a Axel Honneth. *Revista Dissertatio de Filosofia*. v. 47, p. 203-221, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/dissertatio/article/view/13647>. Acesso em: 10 de Junho de 2024.

PADILHA, V. B.; PALMA, Y. A. Vivências não-binárias na contemporaneidade: um rompimento com o binarismo de gênero. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & WOMEN'S WORLDS CONGRESS 13TH. *Anais Eletrônicos* (...), Florianópolis, 2017.

PRECIADO, Paul B. *Testo junkie*: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Editora Schwarcz-São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

RAIMUNDO, L. H. et al. As Travestis, Transexuais e Transgêneros (TTTs) e a escola: entre a (re) produção e a denúncia dos corpos abjetos. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 10, p. e19101018336-e19101018336, 2021.

REIS, N. dos. (Re)invenções dos corpos nas experiências da não-binariedade de gênero. *Letras Escreves*. Macapá, v. 7, n. 1, 1º semestre, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/3092> Acesso em: 20 jan. 2024.

RODOVALHO, A. M. O cis pelo trans. *Revista Estudos Feministas*, v. 25, n. 1, p. 365-363, 2017.

SANTOS, K. N. T.; VIEIRA, N. B. A.; SILVA, J. G. da F. e. O Heteroterrorismo e as dissidências de gênero e sexual no espaço escolar. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 153- 168, 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/12170>. Acesso em: 2 fev. de 2022.

SEFFNER, F. Ensino de História e suas práticas de pesquisa. In: ANDRADE, J. A. DE.; PEREIRA, N. M. (orgs.). *É raro, mas acontece muito: aproximações entre ensino de História e questões em gênero e sexualidade*. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2021. Ebook. p. 422-437.

SILVA, D. S. N.; MIRANDA, M. H. G. de; SANTOS, M. do C. G. Homofobia e interseccionalidade: Sentidos condensados a partir de uma pesquisa bibliográfica. *Interritórios*, v. 6, n. 10, p. 200-224, 2020.

SILVA, R. M. da. Corpos na Educação: as pessoas não-binárias no ambiente escolar. In: OLIVEIRA, R. F. de et al. (org.). *Dissidências de Gênero e Sexualidade*. 1. Ed. Recife, PE: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2022. p. 108-119.

SILVA, R. M. da. *Pessoas não binárias na educação: problematizando inteligibilidade dicotômica de pós-graduandes da UFRPE*. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2023.

SILVA, T.T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T.T. da; HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e Diferença: a perspectivas dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2013.

TEODÓSIO, G. M.; MORAIS, H. O feminino na idade média, seu lugar na historiografia e a herança para a contemporaneidade. In: CONEDU: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO. EDUCAÇÃO COMO (RE)EXISTÊNCIA: MUDANÇA, CONSCIENTIZAÇÃO E CONHECIMENTOS, VII. *Anais* [...] Editora Realize, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/69034>. Acesso em: 1 maio 2024.

VERGUEIRO, V. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In: MESSEDER, S.; CASTRO, M. G.; MOUTINHO, L. (orgs.). *Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero* [online]. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 249-270.



Recebido em 27/08/2024. Aceito em 04/09/2024